

11 – Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Caracterização de Walter Benjamin*. Trad. Flávio R. Kothe. In: Prismas. Crítica cultural e sociedade. São Paulo: Ática, 1998.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Tradução Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Rua de mão única*, obras escolhidas Vol. II. Tradução Rubens Rodrigues. São Paulo, Brasiliense, 2000.

_____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas Vol. III. Tradução José Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Escritos Sobre mito e linguagem*. Tradução Susana Chaves. São Paulo, Editora 34, 2011.

_____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução Marcus Mazzari. São Paulo: editora 34, 2009.

_____. *Passagens*. Tradução Irene Aron, Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

_____. *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. Tradução Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Tradução João Barreto. Lisboa, Assírio e Alvim, 2004.

_____. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Tradução Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes, In: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUD, Sigmund. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Lembrar escrever esquecer. São Paulo. Editoria 34, 2006

_____. Walter Benjamin- Cacos da história. São Paulo. Editora Brasiliense, 1982.

HABERMANS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade: Doze lições*. Tradução Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002

LYOTARD, Jean François. *O pós-moderno*. Tradução Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

_____. Reescrever a modernidade In. O Inumano. Considerações sobre o tempo. Editora estampa.

MURICY, Kátia. *Alegorias da Dialética: Imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

_____. Benjamin: Política e paixão. In. Os sentidos da paixão. Companhia das letras, São Paulo, 1986.

_____. *Tradição e barbárie em Walter Benjamin*. In. Gávea 3, Revista de história da arte e arquitetura, Rio de Janeiro, junho/ 1986.

OLIVEIRA, Bernardo. Vitória: edufes, 2006.

PESSOA, Fernando. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Globo, 1997.

PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*. Tradução Mario Quintana. São Paulo: Globo, 2006. (Em Busca do Tempo Perdido, 1).

_____. *À Sombra das Raparigas em Flor*. Tradução Mario Quintana. São Paulo: Globo, 2006. (Em Busca do Tempo Perdido, 2).

_____. *O Caminho de Guermantes*. Tradução Mario Quintana. São Paulo: Globo, 2003. (Em Busca do Tempo Perdido, 3).

_____. *A Prisoneira*. Tradução Manuel Bandeira. São Paulo: Globo, 2002. (Em Busca do Tempo Perdido, 5).

_____. *A Fugitiva*. Tradução Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2003. (Em Busca do Tempo Perdido, 6).

_____. *O Tempo Redescoberto*. Tradução Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 2004. (Em Busca do Tempo Perdido, 7).

ROUANET, Sérgio Paulo. Édipo e o anjo. Itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro, tempo brasileiro, 1981.

SELIGMANN, Márcio. *A catástrofe do cotidiano, a apocalíptica e a redentora: Sobre Benjamin e a escritura da memória*. In. Mímesis e Expressão. Organizadores Rodrigo Duarte e Virginia Figueiredo. Belo Horizonte: UFMG, 2001

SUSSEKIND, Pedro. *Caminho principal e caminhos secundários*. São Paulo: Cone Sul, 2001.

12 - Apêndice

Esta pesquisa se elabora mediante o estudo da obra de Walter Benjamin, no qual me concentro em abordar o processo de fragmentação da percepção com o surgimento das cidades e em última instância pensar a construção da crítica da cultura de Benjamin. Nesse percurso abarco questões referentes à percepção tradicional, anterior ao avanço técnico, à dispersão da experiência na modernidade e aos efeitos sofridos na percepção. Na condução desta pesquisa foi fundamental entender como se dá o método de construção do pensamento de Benjamin.

Seu método é dado à medida que as ideias se relacionam, não havendo conclusões fechadas. Assim o pensamento constrói relações e se funda nessas relações, é um pensamento que busca semelhanças. Não há abstração de conceitos, pois Benjamin entende que os conceitos encaixam o real em uma fórmula de leitura premeditada e limitam a verdade em uma única possibilidade.

Para o autor a verdade é o que se apresenta, é o relampejar, é o aqui e agora. São as conexões de ideias, articulações da percepção do presente com a percepção que se tem do passado, e desta forma Benjamin rompe com a estrutura de pensamento linear.

A escrita de Benjamin é feita pelo método indireto, trata-se de uma escrita descontínua que introduz rupturas no pensamento surpreendendo o leitor com a associação de assuntos que comumente não são associados. Ao invés de buscar nivelar o pensamento em generalidades, ele se volta para o singular, fazendo com que o micro lance novas explicações ao macro, como diz Hannah Arendt: “Ele está interessado na correlação entre uma cena de rua, uma especulação na bolsa de valores, um poema, um pensamento, com a linha oculta que as une”²³⁶. O pensamento de Benjamin se forma em uma constelação²³⁷ de ideias, ou seja, ele associa ideias de forma a buscar semelhanças que não estavam aparentes e assim criar novas interpretações.

²³⁶

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*, p. 142

²³⁷

BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p.504, seção N 2a, 3

A intenção de Benjamin é compreender a emergência de uma realidade fragmentada pelas transformações técnicas que marcam a forma de existência do homem a partir da *modernidade*. Sua investigação é feita visando as singularidades; a partir da observação do micro Benjamin pensa o todo. Nesse estudo minimalista Benjamin faz uso de diversas imagens, como quando trata da história da fotografia, quando aborda a figura do filisteu, do narrador e do bárbaro, quando aborda a memória de Proust, o materialismo histórico, todas essas imagens são utilizadas como pano de fundo em que Benjamin tece sua análise da modernidade e mostra o declínio da tradição e a perda da experiência transmissível, assim como as transformações da percepção sofridas com o avanço tecnológico, e a necessidade de um olhar que valorize este novo contexto.

Para falar das transformações sofridas na modernidade, pensar este olhar que valorize o presente e realize uma ruptura com essa experiência de tradição é necessário um recuo para entender o que mudou com o crescimento da técnica, e qual o cunho das transformações a que Benjamin se refere. A experiência de tradição é trabalhada no texto *o narrador*. Nesse a figura do narrador representa aquele que está implicado em nutrir uma unidade no pensamento social. A continuidade dessa transmissão de experiência é o que constitui a tradição.

Segundo Benjamin as antigas narrativas possuíam uma dimensão utilitária; seja ela como um ensinamento moral ou uma sugestão prática. Tais histórias não prescreviam uma forma de proceder, antes, por sua ausência de dados explicativos, elas abriam espaço para os ouvintes interpretarem o que estava sendo dito. A ausência de explicações com que essas histórias eram narradas e, por outro lado, a riqueza de detalhes imagéticos fornecidos, contribuíam fortemente para que as mesmas fossem assimiladas. Pois sem análises psicológicas, estas narrativas soam lacunares, deixam lugar para o ouvinte criar, ou seja, dar continuidade à história e ele faz isso a partir da matéria das suas próprias histórias sendo justamente nesse sentido que as narrativas são interiorizadas, misturando-se à experiência de quem as ouve.

E essas narrativas contam a história da criação do mundo, do homem, de múltiplos eventos cuja memória cronológica se perdeu, mas que se preservaram

em uma memória mítica, coletiva. Assim, essas narrativas faziam os ouvintes se sentirem participando dos ciclos da vida, como nascimento e morte.

Mas o declínio da tradição se opera na modernidade, e a narrativa é esquecida. Segundo Benjamin não há um responsável único para esse declínio, e sim um conjunto de fatores. Mas certamente esse processo de declínio se intensificou com o irromper da primeira guerra mundial. Este acontecimento, que está intimamente associado ao crescimento da técnica, marca bruscamente a interrupção do fim da experiência comunicável através das gerações, pois asujeita os indivíduos à força da técnica, extingue o tempo artesanal da transmissão das narrativas, transformando a vida de maneira tão rápida que é difícil de assimilar as mudanças sofridas e muito menos falar sobre elas, de forma que as experiências não transmitidas são esquecidas.

Há uma estreita relação entre lentidão e a memória, e entre a velocidade e o esquecimento, assim o narrador, como esse que dispunha de tempo para assimilar as experiências e então poder contá-las, habita o terreno da memória de onde pode trazer histórias para compartilhar. Já o homem moderno, esse que passou por um excesso de vivências em um curto espaço de tempo, não foi capaz de assimilar o vivido. Para esse, o esquecimento exerce seu trabalho. As experiências foram percebidas como um choque que ele não é capaz de assimilar, uma memória traumática que ele não é inteiramente capaz de acessar, mas que age sobre ele e o silencia. O *trauma*, é definido por Freud como o evento que fere, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem”²³⁸.

Este fenômeno em que o homem é exposto a um excesso de estímulos em um curto lapso de tempo é representado maximamente na guerra, contudo a velocidade e o excesso de estímulos torna-se uma constante no mundo moderno, nada é vivido demoradamente, como Benjamin diz: “(...) já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.”²³⁹ Até a morte foi destituída de sua duração e importância, ainda segundo Benjamin,

²³⁸ “O *trauma* é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavras, pelo sujeito.” GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar escrever esquecer*, p. 110 e 51

²³⁹ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p. 206

“no decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia de morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. (...) morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar (...) hoje a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos.”²⁴⁰

Nem a morte é conservada como esfera de transmissão, “Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?”²⁴¹. Morrer deixa de ser um episódio público, a reintegração em uma origem comum a todos, para se tornar estritamente individual e depurado de experiência e sentido, aquele que morre é apenas o pobre coitado que se despede da transitoriedade da vida e lembra, aos que ficam, o sem sentido da existência. A fim de evitar o encontro com a morte do outro que nos lembra a nossa condição de finitos, afastamos esse episódio do hábito de nossos dias.

“Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte.”²⁴²

Em face àquilo que não se consegue determinar, àquilo que não se conceitua e não se explica, recorremos ao refúgio da negação. Porta-se a máscara de sabedoria, tal como a dos filisteus, para evitar encarar o que foge à ordem do controle. A morte, assim como a contingência do presente, é isso que não tem sentido determinado, é a abertura de sentido. Frente à dificuldade de encarar essa abertura, busca-se domesticar aquilo que não é passível de controle. Assim, o moribundo é destituído da sabedoria de sua “existência vivida” e da autoridade que tem acesso no limiar da morte. Nada é deixado como herança aos que ficam. O homem torna-se órfão de conselhos, não recebe das gerações anteriores experiências transmissíveis, de forma que ele tem que se haver sozinho com suas próprias questões. Com isso ele se individualiza, deixa de frequentar o mundo coletivo, para se encerrar em seu mundo privado e psicológico²⁴³.

²⁴⁰ BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In. Obras escolhidas p 207.

²⁴¹ BENJAMIN, Walter. *Pobreza e experiência*. In obras escolhidas p.114

²⁴² BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In. Obras escolhidas, p. 207.

²⁴³ “A obtenção de uma memória comum, que se transmite através das histórias contadas de geração em geração, é hoje destituída pela rapidez e violência das transformações da sociedade capitalista. Agora, o refúgio da memória é a interioridade do indivíduo, reduzido à sua história

Podemos pensar nessa mesma linha do processo da morte o nascimento. Pois os rituais modernos do início e do término da vida são muito semelhantes, ambos muito medicalizados. Os motivos explícitos são incrivelmente parecidos: segurança, higiene. Os motivos omitidos também são os mesmos: encobrir a desordem da experiência de emoção e de dor.

Afinal, a mãe é despossuída do parto como o moribundo o é de sua própria morte. Ambos têm de se entregar em silêncio ao ritual técnico. Por que teriam direito à fala, eles que- por um momento ou para sempre – não são mais nada? Ao dar entrada na maternidade, a mãe entrega sua identidade como o agonizante abdica da sua ao ser hospitalizado. Pouco importa quem são ou foram; só interessa a partir de então o ato objetivo que acontece: dar ou perder a vida. Nascer, propiciar o nascimento ou morrer deve ser um mero parêntese na ‘verdadeira’ vida. A jovem mãe deve esquecer a provação do nascimento, voltar a ser depressa, bem depressa, a moça que era. Os sobreviventes do morto, os parentes e amigos também devem atingir a mesma amnésia. Mudar logo de casa, refazer a vida, voltar ao trabalho. Esquecer, apagar tudo. A vida é dada do mesmo modo como se morre: sem ousar sentir nada, sem palavras, sem lágrimas.

Nas mães, o silêncio perdura. É surpreendente o pouco que as mães que deram a luz sob anestesia têm a contar sobre o nascimento de seus filhos. Entretanto, houve com certeza emoção. Encafuada em algum lugar da memória, e talvez sem nunca se manifestar²⁴⁴.

Percebam que aqui começo a mudar o tom dessa defesa, titubeei bastante em dar vazão a essa ideia, mas acabei sendo complacente com ela, então antes de continuar explico o que se sucede. Não sigo esta defesa levantando em 20 minutos o resumo de toda dissertação, nesse caminho eu já partia do fracasso, pois é mesmo impossível fazer uma centena de páginas caberem em 20 minutos de apresentação.

privada, tal como ela é reconstruída no romance. GAGNEBIN, Jeanne. Walter Benjamin- Os cacos da história. p. 68”

²⁴⁴

Parágrafo parafraseado de BERTHERAT, Marie. *Quando o corpo consente*.

Entretanto, confesso que no preparo dessa defesa este fracasso me angustiou, quis crer que poderia dobrá-lo e conseguir reunir tudo que foi escrito, e esgotar o assunto tratado.

Foi aí que percebi o quão contraditório seria “esgotar o assunto tratado”, pois eu defendo que não é a intenção de Benjamin pretender um pensamento fechado e linear, ele mesmo diz que: “Apenas o incompleto pode ser compreendido, pode nos levar mais além.”²⁴⁵. Encorajada por essa citação me abstenho de apresentar um resumo da dissertação que a banca já leu e certamente já veio com uma avaliação formada do meu trabalho, para então ousar compartilhar com vocês o que pensava na feitura dessa dissertação e o que na verdade foi o meu pano de fundo para pensar as ideias de Benjamin. Ou seja, apresento a correlação que me permiti fazer entre a teoria de Benjamin e minha experiências, a minha forma de fazer com que o micro explicasse o macro. Sei que meu procedimento é um tanto arriscado, mas de antemão eu argumento que me ponho sob a guarida do método de escrita de Benjamin, que surpreende em sua associação de assuntos e relaciona ideias de forma a buscar semelhanças que não estavam aparentes, e assim criar uma nova interpretação no pensamento.

Como sabem, quando comecei a escrever esse trabalho descobri que estava grávida. Assim me dividia entre o estudo de Benjamin e a elaboração dessa gravidez, a qual, vale dizer, foi um acontecimento choque, desses que rompem com a sequência dos planos. Tendo me tirado da articulação habitual de meus pensamentos me instigou a pensar todo processo de gestação.

Percebi que tudo ao redor de uma grávida a convida a se entregar à postura passiva de uma espectadora e não exige esforço maior do que o de seguir o fluxo contínuo do encadeamento dos meses. Assim, entregue às facilidades do entretenimento com o enxoval, a grávida preenche seu tempo.

Todavia essa passividade a afasta de toda preparação efetiva para o parto e lhe acarretam uma constante sensação de apreensão com o que virá, com a chegada do bebê.

²⁴⁵ SCHRIFFTEN apud BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, p. 76

Nessa fase a mulher está frágil e sedenta de conselhos e são muitas as histórias que ouve, mas raramente alguma delas tem algo realmente importante para transmitir. Ao ouvir o relato de outras mulheres; mães, tias e avós, tudo soa um tanto comum, nada que fale de uma experiência singular vivida por aquelas mulheres, mas apenas uma lembrança objetiva de como as coisas se repetem. A habilidade natural de dar a luz e da maternidade não são mais transmitidas de mulher para mulher, de geração para geração.

Assim, a mulher coloca-se totalmente imersa na perspectiva instrumental, em que as experiências são tomadas como moeda comum que pertence a todos e a ninguém, uma ditadura do igual em que tudo é feito como se faz. O parto limita-se à retirada do bebê do ventre. Nessa homogeneidade niveladora não se permitem singularidades, cada bebê será mais um no berçário, trata-se de uma interpretação do real, no caso, da forma como damos à luz e nascemos, que é assimilada por todos, é universal. Não traz nenhuma leitura do contingente, da história de cada um, nada que faça ver o real. Não rompe a habitual conexão de ideias, apenas cuida para que as conexões se estabeleçam no âmbito do previsível, do protocolo médico. É a repetição nivelada ao que é geral e da qual se subtraem todas as peculiaridades do acontecimento. É nesse sentido que assevera Benjamin: “vivenciar sem o espírito é confortável, embora funesto”²⁴⁶.

Na minha gestação ficou muito claro essa perda da tradição que Benjamin trata. “Com o desenvolvimento acelerado da obstetrícia moderna nos últimos trezentos anos, as mulheres perderam contato com sua capacidade de parir.”²⁴⁷ Fazendo um recuo no tempo a La Benjamin, é possível imaginar que o nascer já foi bem diferente, em um tempo em que as mulheres não estavam submetidas à autoridade do médico, e não eram conduzidas pela equipe obstétrica. Elas mesmas pariam e se ajudavam a parir. As crianças nasciam em casa, de forma que deveria ser bem comum assistir a um parto. Assim as moças, antes de terem seus próprios filhos, já teriam visto, ou participado de perto do nascimento de outras crianças, o que com certeza desmistificava o medo do parto, tornava-o mais próximo e natural, sem com isso deixar de ser algo da ordem do extraordinário, pois só quem

²⁴⁶ BENJAMIN, Walter. *Experiência*. In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p. 24

²⁴⁷ BALASKAS, Janet. *Parto Ativo*. p.19

participou de um parto sabe a força com que o evento toca nossos sentidos e existência.

As mulheres davam a luz de uma forma ativa, pois elas mesmas, bem despertas, sentiam e faziam o próprio trabalho de parto. Elas e as outras pessoas que as ajudavam a parir, se tivessem o devido respeito pelo acontecimento, certamente saiam dele com muita experiência para transmitir, pois o que fora vivido se aderiu à existência, misturava-se com seu próprio nascimento, com sua história de vida. Como não havia um protocolo médico a ser seguido, não havia nada que distraísse, explicasse e desse sentido ao evento, cada um, ao sair desse parto, precisava elaborar o que viveu, o que sentiu por sua própria conta. Assim o acontecimento crescia, era contado e recontado, a cada vez com novas nuances, novos detalhes.

É de se considerar que havia os casos em que não ocorria tudo bem, para esses as intervenções seriam bem vindas. “A taxa de mortalidade diminuiu com a técnica da moderna obstetrícia. No entanto, o excessivo uso de tecnologia obstétrica de rotina, inadequadamente aplicada ao parto normal, atrapalha o processo natural e acaba causando muitos dos problemas para os quais foi destinada a prevenir”²⁴⁸. Hoje as intervenções não são tomadas apenas na necessidade do caso isolado, como diz Benjamin “o estado de exceção em que vivemos é na verdade a regra”²⁴⁹. Nos deixamos assombrar com as exceções, os casos de partos mal sucedidos e seus riscos. Tal assombro não gera reflexão, apenas amedronta e nos deixa susceptíveis ao que é imposto. Para se ter um parto supostamente seguro e controlado, a mulher se permite sedar, cortar, costurar. Ou seja, a percepção do que é um evento natural, fisiológico e até amoroso é no contexto moderno transformada em um perigo assustador, “a gravidez como um todo é vista como uma condição patológica que somente termina no parto”²⁵⁰. Assim a tecnologia tomou conta da nossa forma de nascer, depurando-a e imputando-lhe regras, protocolos que muitas vezes têm efeitos destrutivos na relação entre a mãe, seu bebê e sua família”²⁵¹.

²⁴⁸ BALASKAS, Janet. *Parto Ativo*. p.8

²⁴⁹ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Obras completas, p.226

²⁵⁰ BALASKAS, Janet. *Parto Ativo*. 12

²⁵¹ BALASKAS, Janet. *Parto Ativo*. 13

Uma vez que em Benjamin a noção de experiência se apresenta como uma conjunção de momentos, que se prolongam e se desdobram²⁵², e que, em última instância, nos constituem. Deixamos de ter uma “experiência Benjaminiana” de parto, para anestesiadas termos uma vivência na sala de cirurgia. Nesse contexto não ocorre a ninguém perceber a singularidade do momento, essa percepção exigiria espera, tempo, entrega... Entretanto, vivemos tudo de forma abreviada, mesmo que para isso a experiência única do nascimento seja violentada. Ou como Benjamin diria: o presente é violentado.

Diante do risco de se violentar o presente, Benjamin chama atenção para a necessidade de se criar uma língua nova²⁵³, algo que rompa com o comum, que olhe as singularidades, uma linguagem que se preste a transformar a realidade, que não se detenha no discurso tradicional que trata a história como uma sucessão cronológica de fatos.

Entretanto, em um tempo tão afeito ao imediato, ao fragmentado, à percepção da vivência, em outras palavras, afeito a nascimentos rápidos e com data marcada, como instaurar o tempo prolongado da experiência na forma como nascemos?

Aqui, ao ousar falar sobre parto, é evidente que não tenho o interesse simplório em fazer um elogio melancólico ao tempo em que as mulheres davam a luz em casa, auxiliadas por suas comadres, parteiras e panos quentes. Na verdade nem acredito que nesse tempo as mulheres eram mais repetidas no ato de parir do que hoje nos hospitais. O meu recuo ao tempo de outrora, é apenas uma tentativa de trazer o passado no presente para ver o presente por outro ângulo, lembrar que se trata de um evento natural, que mulheres sempre pariram e bebês sempre nasceram.

Primeiramente é necessário retirar o assombro com o evento e perceber o contexto em que o parto se insere, e o contexto é: não há uma experiência de tradição que acolha as mulheres no acontecimento de uma gravidez, e na falta

²⁵² De acordo com FREUD. Apud BENJAMIN, Walter. *Alguns Temas em Baudelaire* In. Obras Escolhidas vol. III p. 108.

²⁵³ “(...) uma língua inteiramente nova (...). Nenhuma renovação técnica da língua, mas sua mobilização a (...) transformação da realidade, e não da sua descrição.” BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras completas, p. 117.

dessa transmissão de experiência as mulheres se sentem órfãs de conselhos, desamparadas com o que virá e acabam se ancorando no autoritarismo de um sistema médico que não olha a singularidade daquela mulher e de sua gestação, mas a enquadra em um protocolo com cirurgia, episiotomia, nitrato de prata, raspagem e lavagem intestinal, jejum, anestesia, posição em decúbito dorsal, hormônio sintético, desrespeito a privacidade e mais uma fila de violências obstétricas, de forma que essa mulher provavelmente terá uma lembrança traumática do seu parto, daquilo que era para ser um evento transformador e o primeiro contato com seu bebê.

A forma que Benjamin encontra para romper com a percepção maquinal da vivência e a violência com o presente e assim alcançar a renovação autêntica da experiência, implica em substituir a experiência de tradição pela de pobreza. A assunção dessa pobreza é o despojar do peso da tradição que não se vincula à experiência atual, assumir que não há relatos que acolham, e tenham sentido ao nascimento. Bem como não há uma verdade de como deve ser o nascimento, nem médicos, nem mães possuem esse saber.

Nesse sentido Benjamin apresenta o conceito novo e positivo de barbárie²⁵⁴, a barbárie da pobreza de experiência que constrange o homem moderno, e, por que não, a gestante contemporânea, a abrir caminhos. A barbárie dirige-se ao presente sem a menor intenção de consolar o indivíduo solitário e anônimo, mas com o intuito de ressaltar sua solidão, sua pobreza, sua desorientação e tornar impossível qualquer tentativa de retorno a valores ditos seguros, tornar impossível se apegar a uma verdade. Sendo que esta fidelidade ao presente não significa abdicar do passado, e sim prestar as devidas referências a ele, a barbárie positiva se interessa em reconsiderar a forma como a história até então foi concebida, e assim se empenha em perceber passado e presente por outras perspectivas. Convida a se pensar o contexto em que se está inserido e não simplesmente aceitar o que é comumente aceito.

E esse procedimento não pretende o descobrimento de algo inteiramente novo, no caso, não se trata da invenção de uma forma totalmente diferente de parir, nada disso, é apenas o convite para se pensar algo que de alguma forma já

²⁵⁴ “Barbárie? Sim. Respondemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie”. BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In Obras escolhidas p. 116.

estava lá. Possibilidades de interpretações, que foram silenciadas em prol de outras, são retiradas do esquecimento, e a partir dessas novas interpretações, abrem-se outras possibilidades de ver o presente. Uma nova interpretação do parto seria pensar que, desde a antiguidade, há relatos de partos realizados em posturas verticais, até que em meados do século XVII se tornou de bom tom dar à luz deitada, pois nessa posição, muito embora o corpo da parturiente precisasse trabalhar contra a gravidade, favorecia-se a visão do médico e suas intervenções. Assim, trazer o passado para o presente seria, por exemplo, questionar essa restrição dos movimentos da parturiente hoje nos hospitais.

Entretanto, devemos considerar que esses relatos antigos, como do exemplo do parto vertical, perderam seu alcance pela transmissão oral. Como foi dito, a tecnologia e a ciência ocuparam o lugar da tradição. Assim, conforme diz Benjamin²⁵⁵, se as chances dos fatos exteriores se integram à nossa experiência reduziram-se, ou seja, se em nossa memória não entram em conjunção certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo²⁵⁶, fazendo com que o passado transmitido faça sentido no presente, então se faz necessário que se crie de modo **artificial** essa experiência. Produzir artificialmente a experiência implica em suscitar um choque na associação habitual que se limita a perceber apenas as generalidades, e assim se descolar de um invólucro de imagens pré-fabricadas. É o exercício de uma atenção que se confronta com o esquecimento, que se esforça para escutar além do senso comum, realizando uma ruptura capaz de abrir novos olhares e conexões de ideias.

No caso concreto do parto isso significa desafiar o todo da visão obstétrica que a sociedade ocidental tem do parto, baseada na suposição de que o parto é um acontecimento médico e que, portanto, deveria ser conduzido dentro de um ambiente de cuidado intensivo. A contra pelo deste contexto ultra-tecnológico e medicalizado em que muitos obstetras nunca tiveram a oportunidade de ver um parto verdadeiramente natural. Existem grupos que se dedicam a pensar meios

²⁵⁵ BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas vol. III, p. 106

²⁵⁶ “Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo.” BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas vol. III, p. 107

mais naturais de dar á luz, assim eles estariam criando isso que Benjamin chama de experiência artificial.

São grupos virtuais e presenciais de apoio à gestante formados por profissionais da área, que estão engajados no estudo, na transmissão e até no acompanhamento de formas de nascer mais naturais, seguras e respeitosas, que transforma parturientes passivas em ativas. Essa rede de transmissão de experiências repercute não apenas no momento pontual do nascimento, mas em toda percepção da forma como nascemos e nos relacionamos com nossos filhos. Nessas redes de transmissão de experiências sobre o parto retiram a percepção do senso comum e cria uma percepção social coletiva da forma como nascemos. Esse nova visada retira da percepção maquinal, instaurara uma transformação, um presente novo.